

Casa De Pedra: O “Saber Fazer” no século XX/**Stone House: The “ Know-How ” in the 20th century**

DOI:10.34117/bjdv6n1-207

Recebimento dos originais: 30/11/2019

Aceitação para publicação: 20/01/2020

Janielle Borges Brandão

Graduada em Arquitetura e Urbanismo

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina - PI,
Brasil

E-mail: janielleborges@hotmail.com

Maria Betânia Guerra Negreiros Furtado

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina - PI,
Brasil

E-mail: betaniaguerra@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como foco uma edificação erguida em pedra e barro, em meados do século XX. A denominada *Casa de Pedra* situa-se no povoado Oitis, zona rural do município piauiense de Picos, a 313 Km da capital Teresina. O objetivo deste estudo é identificar quais foram as referências que levaram o construtor do edifício a optar pela alvenaria de pedra argamassada, quando na região, a técnica construtiva comumente utilizada é a taipa de mão, senão a alvenaria de tijolo. Pretende-se também discursar sobre a permanência do uso da alvenaria de pedra no século XX, um sistema construtivo bastante antigo. O estudo faz uma relação com outro edifício localizado nas imediações, no povoado Gameleira, que utiliza o mesmo sistema construtivo, sendo os dois imóveis os únicos exemplares existentes dentro do recorte espacial. A importância da pesquisa é ressaltada pela abordagem que se faz sobre o uso da antiga técnica – introduzida no Brasil com os primeiros colonizadores portugueses, ainda no século XVI – ser alvo de interesse já em meados do século XX passado por populações sertanejas que trabalham com a arquitetura vernácula, em uma região que não tem a pedra como material comumente utilizado como material construtivo. O trabalho baseia-se em revisão bibliográfica no acervo da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Piauí (IPHAN); em obras de autores renomados na área, além da realização de visitas de campo, levantamento de dados físicos, registros fotográficos e entrevistas com os contemporâneos do proprietário da edificação. O resultado almejado é conferir visibilidade à arquitetura vernácula piauiense através desse exemplar, erguido com técnica pouco usada na arquitetura popular piauiense, que resiste, mesmo após as transformações sofridas devido as intempéries e a ação antrópica. .

Palavras-chave: Arquitetura vernácula; Arquitetura popular; Arquitetura piauiense; Pedra; Barro.

ABSTRACT

The present article focuses on a building built in stone and clay, in the middle of the 20th century. The so-called Casa de Pedra is located in the village of Oitis, a rural area in the Piauí municipality of Picos, 313 km from the capital Teresina. The purpose of this study is to identify the references that led the builder of the building to choose mortar stone masonry, when in the region, the construction technique commonly used is hand mud, if not brick masonry. It is also intended to talk about the continued use of stone masonry in the 20th century, a very old construction system. The study makes a connection with another building located in the vicinity, in the village Gameleira, which uses the same construction system, with the two buildings being the only examples existing within the spatial outline. The importance of research is underscored by the approach taken on the use of the old technique - introduced in Brazil with the first Portuguese colonizers, still in the 16th century - to be a target of interest already in the mid-20th century, passed on by hinterland populations working with the vernacular architecture, in a region that does not have stone as a material commonly used as a building material. The work is based on a bibliographic review in the collection of the Federal University of Piauí (UFPI) and the Institute of Historical and Artistic Heritage of Piauí (IPHAN); in works by renowned authors in the area, in addition to conducting field visits, collecting physical data, photographic records and interviews with contemporaries of the building owner. The desired result is to give visibility to Piauí's vernacular architecture through this example, erected with a technique rarely used in Piauí's popular architecture, which resists, even after the transformations suffered due to bad weather and anthropic action.

Keywords: Vernacular architecture; Popular architecture; Piauí architecture; Stone; Clay.

1 INTRODUÇÃO

No período da colonização do Brasil, denominado *a priori* Terra de Santa Cruz, foram erguidas construções que objetivavam atender a necessidade da população imigrante. Algumas tipologias eram edificações militares cujo propósito era proteger o território, mas havia também igrejas, símbolo da influência cristã, e moradias, para o abrigo do colonizador. Era cultural que as diretrizes construtivas adotadas pela administração portuguesa no processo de povoamento do Brasil fossem baseadas nas próprias experiências de Portugal (PÔRTO, 2003 apud BRAGA, 2003, p.53). Podemos constatar isso com a leitura de um documento datado do século XVI, onde a Coroa portuguesa faz recomendações à Tomé de Souza, o primeiro governador geral do Brasil, quanto à utilização dos materiais disponíveis no meio ambiente.

[...] fizesse ele uma fortaleza de pedra e cal e, se não a pudesse construir com esse material, que a fabricasse de pedra e barro, ou então de taipa, ou ainda de madeira”, e continua: “faça-se a fortaleza como melhor pode ser”. Vê-se, assim que o ideal almejado era o uso da pedra e cal, empregando-se outros sistemas menos duradouros nos casos de ser verificada a impossibilidade de obtenção da pedra ou, na maioria dos casos, da cal. (VASCONCELLOS, 1979, p. 23)

No desafio de desbravar a *terra desconhecida* e implantar as técnicas construtivas já conhecidas, a edificação ideal deveria ser construída com pedra e cal que consiste na alvenaria autoportante de pedras associadas com argamassa de barro, cal e água. Caso o local da construção não dispusesse desses materiais, outros deveriam ser empregados. Assim, as influências das técnicas construtivas estrangeiras atreladas à interferência do meio local (BRUAND, 2010, p. 11) compuseram a arquitetura vernácula brasileira. Consoante o arquiteto Carlos Lemos (1989), arquitetura vernácula seria

“Aquela feita pelo povo, por uma sociedade qualquer, com seu limitado repertório de conhecimentos num meio ambiente definido, que fornece determinados materiais ou recursos em condições climáticas bem características. Com seu próprio e exclusivo *saber fazer* [...] A casa vernácula é portanto, uma expressão cultural. ” (LE MOS, 1989, p. 15)

Tem a arquitetura vernácula na sua essência dois fatores: o material e o imaterial. O primeiro compreende as técnicas, os materiais construtivos, a orientação, o entorno, dentre outros; e o segundo, que em razão de prioridades é na verdade o primeiro, resguarda o saber popular, o *saber fazer* transmitido por gerações.

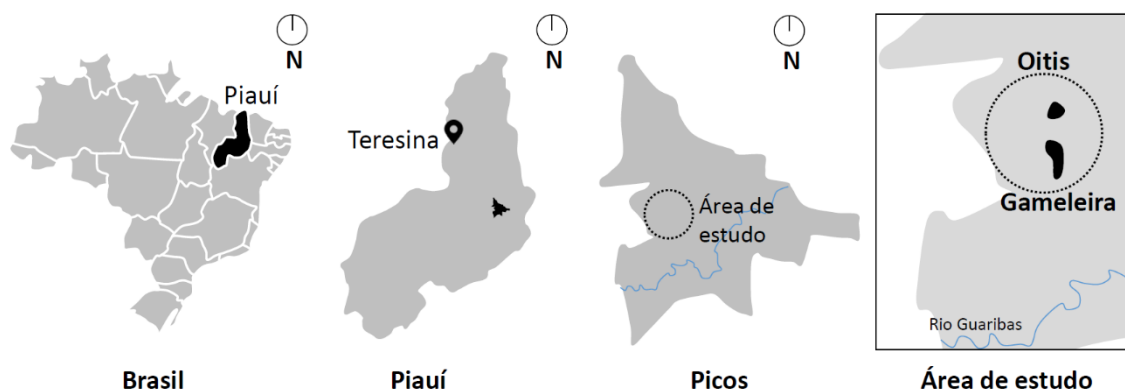
Günter Weimer (2012, p. 40) defende a utilização do termo arquitetura popular ao invés de vernácula sob a mesma conceituação: “[...] aquela que é própria do povo e por ele é realizada”. Nesse viés, ainda comenta que é uma forma de construir bastante criativa no aspecto formal e no emprego de materiais de construção. O autor, porém, faz um alerta para a pouca visibilidade dada ao tema pelas faculdades de arquitetura brasileiras que não atribuem ao assunto a importância devida (WEIMER, 2012, p.37). Esse fato é corroborado pela tese de Andrade (2016, p. 33) ao justificar que todas as arquiteturas vernáculas do país formaram um grande tema ausente do panorama da cultura brasileira de quase todo o século XIX. Na verdade, foi apenas em meados do século XX que o patrimônio cultural brasileiro começou a ser devidamente estudado e valorizado.

Essa mudança fez com que se lançasse recentemente o olhar também ao patrimônio imaterial ou intangível que compreende ver o patrimônio não mais como um produto, mas como um processo (CASTRIOTA, 2012). É nesse viés que se acham inseridas as técnicas construtivas. Elas são o próprio *saber fazer* que, segundo Castriota (2012, p. 18) são “[...] fruto de um conhecimento profundo do meio envolvente e da sua relação com os materiais [...], testemunho do modo de viver de um povo e da visão de mundo de uma cultura.”

Não obstante, essas técnicas se encontram sob ameaça e tendem a desaparecer, principalmente nas zonas rurais onde as populações fazem uso de materiais naturais presentes no próprio sítio, quando não do erguimento das edificações vernáculas. Castriota (2012), em relação a essa ameaça, revela hoje existir um movimento em defesa dos saberes, assim como dos materiais naturais, em função do processo de revalorização de hábitos e costumes apropriados pelos defensores do patrimônio, que se veem preocupados também com os recursos naturais do planeta.

Com este olhar é que se traz um exemplar da arquitetura vernacular piauiense, erguido no sertão nordestino, situado na zona rural do município de Picos e que aqui denominou-se de *Casa de Pedra*. O povoado onde ela se insere, chamado Oitis, distancia-se 17 Km do centro do município. Para estudo, foi considerado um recorte espacial com raio de cinco quilômetros o qual contempla o objeto de estudo e a casa de referência do construtor José Conceição, localizado no povoado Gameleira (Figura 01).

Figura 01: Localização da área de estudo



Fonte: Acervo do Autor, 2019

2 METODOLOGIA

A pesquisa deste trabalho é exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa já que trabalha com as informações do objeto em estudo procurando conhecê-lo e reconhecê-lo dentro das obras de referência.

A metodologia baseia-se em pesquisas bibliográficas, momento em que se buscou referências teóricas em livros, artigos científicos e web sites. Os principais acervos consultados foram do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI) cujas obras eram voltadas para a história do Piauí, do município de Picos, arquitetura popular portuguesa, arquitetura popular brasileira, arquitetura vernácula e ofício da cantaria. A matéria do trabalho é um estudo de caso, aqui personificado pelo objeto denominado de *Casa de Pedra*. O propósito é conhecê-lo com profundidade em seus aspectos construtivos, sociais e culturais. Esse objeto de estudo foi relacionado a uma outra edificação, construída na mesma região – também uma habitação unifamiliar – que dispõe do mesmo sistema construtivo.

Para se alcançar o objetivo foram empreendidas duas pesquisas de campo *ex-post-fato* (FONSECA apud GERHARDT; SILVEIRA, 2002, p. 32) ocasião em que foram coletados dados junto a moradores da região, contemporâneos aos construtores dos dois edifícios. Nas entrevistas se investigou sobre as motivações da escolha do sistema construtivo, buscando-se compreender os sítios possuidores dos materiais.

Por último, se procedeu o levantamento da planta baixa do imóvel e se realizou os registros fotográficos dos dois edifícios – o estudo de caso e o objeto de referência.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A colonização do território brasileiro ocorreu da costa leste para o interior do país, sendo o Nordeste o pioneiro em receber os *desbravadores*, ainda em 1500. Entretanto, o povoamento do interior só ocorreu muitos anos depois. Conforme relatos de Ferreira (2010, p. 17) com base na anuência da Coroa Portuguesa, no século XVII, foram empreendidas duas correntes migratórias, sendo a primeira com origem na Bahia, seguiu pelo interior baiano. Após atravessar o rio São Francisco, seguiu em direção ao Piauí, Maranhão e Ceará, conquistando uma região que ficou conhecida como o *sertão-de-dentro*. A segunda corrente saiu da capitania do Pernambuco e, explorando regiões próximas a costa, encontrou-se com a primeira, já em terras cearenses. Esta foi a corrente que desbravou o *sertão-de-fora*.

A expansão territorial para o vasto sertão ocorreu forçosamente porque o açúcar era a prioridade na economia colonial e o gado, força motriz do engenho, era visto como complemento dentro da indústria açucareira, apesar de ser também transporte e alimento (FERREIRA, 2010, p. 18). Por outro lado, os currais passaram a incomodar as plantações tanto de cana-de-açúcar como de mandioca, o que fez com que a Coroa permitisse o criatório de bovinos somente a partir de dez léguas da linha do litoral.

Isso fez com que o gado adentrasse o sertão, chegando a lugares ainda não ocupados como foi o caso do Piauí que começou a ser desbravado somente no final do século XVII. Foi neste período que chegaram os primeiros sesmeiros, vindos principalmente da Bahia e dispostos a implantar seus criatórios na região que depois se constituiria a capitania de Iozé do Piauí (NUNES, 2014).

A primeira vila fundada no Piauí foi a vila da Mocha, mais tarde elevada à condição de cidade com o nome de Oeiras. A vila foi assentada na região sudeste do estado, região que fazia parte de uma das rotas que saíam de Salvador e vinham em direção ao Norte da colônia. O sudeste piauiense, por possuir terras apropriadas ao pastoreio, logo ficou tomado por currais e fazendas de gado. Essa situação só se alterou no começo do século XIX, quando a pecuária da região de Oeiras entrou em declínio e a vila de Picos, localizada mais próxima à divisa do Piauí com a Bahia passou a atrair imigrantes, principalmente vindos de Oeiras, no período a capital da capitania. Eram fidalgos e comerciantes. Aconteceu então que “[...] com uma população de vinte e uma pessoas, entre brancos, nativos e escravos” (VARÃO, 2007, p. 17), a pequena aglomeração iniciou sua história como município nascente. Passou assim a receber forte influência da cultura europeia, fator bastante determinante para a arquitetura local. Essa herança trazida pelo imigrante é lembrada por Carlos Lemos (2013), que escrevendo sobre moradia popular no trópico, coloca que *o conquistador* desejava manter em suas construções a identidade que vigorava no território lusitano.

“O colonizador através de gerações e gerações, conseguiu definições arquitetônicas em suas moradias [...] com suas expectativas culturais advindas de milenares experiências em que estavam explicitadas as influências romanas e árabes sobre os povos primitivos locais.” (LEMOS, 2013, p. 243)

Todavia, adaptações no partido arquitetônico tiveram que ser desenvolvidas, pois como escreveu sobre o sudeste piauiense o arquiteto paulista Paulo Thedim Barreto (1938, p. 135)

no Piauí “[...] o sol é abrasador; onde o clima é quente, seco, debilitante”. Ademais, um outro fator que influenciou nas adaptações sobre o modo de se construir foi a falta de mão de obra qualificada disponível, um fator limitante para a obra que pretendia ser executada.

Desta feita entende-se que a arquitetura piauiense que teve início no campo e que depois foi transportada para as vilas e cidade é proveniente de processos de hibridação decorridos de influências estilísticas e funcionais, como defende Weimer (2012, p. 44) ao afirmar quando diz que “[...] em arquitetura nada provém do nada, pois todas as formas têm outras anteriores que lhe deram origem”.

A arquitetura dos colonizadores lusitanos, por exemplo, recebeu interferência dos povos os quais dominaram seu território no decorrer dos séculos, como os romanos, germânicos, islâmicos e açorianos (WEIMER, p.79). Em consequência disto, era tradição na região ao norte de Portugal se construir com pedra (MELO; RIBEIRO, 2012, p.137) já que no entorno de cidades como Braga e Porto o material pode ser facilmente encontrado; e para a obtenção, ou se recolhe no sítio ou se procede a extração na pedreira. Nos dois casos pode ser feita a cantaria das peças, ademais durante o assentamento podem ser argamassadas ou não. Conforme Varão (2007), a população do município de Picos é proveniente, em sua maioria, dos vaqueiros descendentes de bandeirantes portugueses e escravos, além de alguns nativos. Como a cultura do colonizador prevalece sobre a do colonizado é aceitável dizer que a técnica da pedra argamassada encontrada nas edificações aqui citadas provém do modo de construir português. É uma tradição que veio com o imigrante da região norte de Portugal que encontrou na região sudeste do Piauí condições e materiais que lhe garantiram fazer uso da técnica. O *saber fazer* foi passado através das gerações, chegando ao século XX.

4 HISTÓRICO DA CASA

A historiografia do objeto de estudo foi investigada com os familiares e amigos contemporâneos dos primeiros proprietários, Manoel Ezequiel (*in memorian*) e Adercília Borges (*in memorian*).

No alto de um outeiro, a Casa foi erigida pelo próprio noivo que detinha habilidades como pedreiro, no ano de 1946, antes do enlace matrimonial do casal. A matéria prima para a construção proveio do entorno no terreno e a técnica construtiva já era conhecida pelo construtor.

Após alguns anos de vivência na residência, o casal mudou-se para um outro município piauiense, em busca de melhores condições econômicas, já que o período era de seca. Para tanto, venderam a residência para Casemiro Borges cujo filho utilizava o terreno da propriedade para empreender vaquejadas. Durante esse quartel, ocorreu um fato notório. No ano de 1995, a fachada principal “[...] foi infestada por um formigueiro e Gabriel derrubou para acabar com os bichos”¹. Assim, a alvenaria autoportante de pedra da frente foi substituída por alvenaria de tijolo cozido com junta de barro (Figura 02).

Figura 02: Vista da *Casa de pedra*: fachada principal e detalhes da alvenaria de pedra e de tijolo cozido.



Fonte: Acervo do Autor, 2019.

Por fim, a Casa foi vendida novamente, agora para a família Barbosa que são os atuais proprietários do imóvel. Depois dessa aquisição, dois casais da família, em tempos distintos, habitaram a casa, mas atualmente ela se encontra desocupada.

5 CARACTERIZAÇÃO

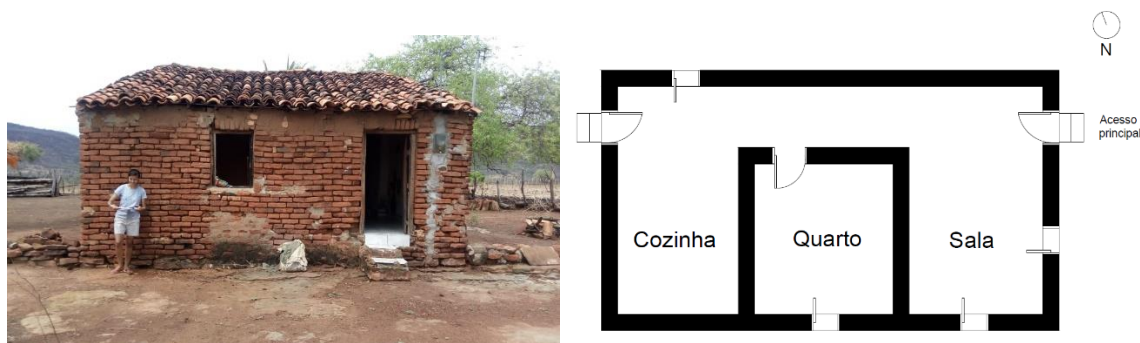
Conforme fora comentado, os materiais construtivos utilizados no edifício procederam do entorno da edificação. As pedras foram extraídas das encostas dos morros que circundam o povoado e posteriormente, receberam um trabalho de cantaria pelo construtor. Através da identificação visual e estudo sobre a predominância dos tipos de rochas na faixa oeste do

¹ Relato de Raimunda de Araújo Barbosa, atual proprietária da *Casa de Pedra* quando entrevistada sobre a história do imóvel.

município picoense, depreende-se que é arenito, um tipo de rocha sedimentar (AGUIAR; GOMES, 2004, p. 4).

O assentamento foi feito somente com argamassa de barro, como é o hábito na região. A cal pode ser facilmente encontrada no município de Picos, porém trata-se de um material considerado caro “[...] e a gente não tinha condição para isso. Todos eram muito pobres”². A arquitetura como um todo – planta e estilo – se configura como a *casa de porta e janela*, que facilmente pode ser encontrada em todo o Brasil, principalmente quando falamos em arquitetura colonial (Figura 3). Esse estilo tem raízes portuguesas, mas é originário de uma tribo do povo berbere cuja maioria vive no Marrocos, quando o mesmo ocupou Portugal por longos anos (WEIMER, 2012, p.95).

Figura 03: Estilo *casa de porta e janela* e planta baixa



Fonte: Acervo do Autor, 2019.

A planta baixa, desenhada por paredes de espessas de 0,40 metros é linear e dividida em três cômodos, sendo que cada um apresenta o setor social, íntimo e de serviço, respectivamente: Sala, quarto e cozinha (Figura 3). No interior da Casa, existem estratégias de conforto térmico: as paredes do quarto que dividem a sala da cozinha, são de “meia altura”, pois não atingem o nível do telhado, a fim de permitir a circulação interna de ventos e a exaustão do ar quente (BARRETO, 1938).

Os materiais utilizados na cobertura de duas águas são troncos de carnaúba para as linhas e madeira serrada para os caibros e ripas. Já as telhas são artesanais do tipo capa e canal

² Relato de Francisco Borges, sobrinho do construtor do imóvel, em entrevista.

que ‘eram feitas aqui mesmo, na cerâmica do sr. Manoel Cipriano dos Santos’ por exemplo, de acordo com Nilo Silva³.

Em relação à orientação solar de maioria dos estabelecimentos rurais, não havia uma preocupação intensa com a proteção das aberturas contra insolação direta, principalmente aquela proveniente do oeste que é mais intensa. Ao invés disso, a orientação da casa era feita para receber o máximo da ventilação (MENDES; VERÍSSIMO; BITTAR, 2007, p. 139). Sendo assim, os ventos predominantes da região os quais são oriundos do nordeste e sudeste adentram pelas aberturas e circulam toda a Casa, arejando o interior.

6 TRANSFORMAÇÕES

No decorrer do tempo, o imóvel passou por diversas transformações físicas, sendo a maioria na parte interna. Foi a ele acrescentado piso cerâmico, instalação elétrica e hidráulica, além de terem optado por rebocar todas as paredes da face interior da Casa. Estes acréscimos objetivaram dar maior conforto aos ocupantes.

7 UM PARALELO ENTRE A CASA DE PEDRA E A CASA DA GAMELEIRA: UM OUTRO EDIFÍCIO ERGUIDO NA MESMA REGIÃO EM ESTUDO

Mediante observação do território rural de Picos e questionamento à comunidade local sobre outras casas em pedra e barro, apenas outro exemplar semelhante ao estudo de caso foi apresentado. Trata-se da *Casa da Gameleira*, uma construção erguida no ano de 1969 por José Conceição Barbosa, sua esposa Misciana e um pedreiro amigo do casal. Em um período de um mês de trabalho árduo, a Casa fora erquida para abrigar a família Barbosa.

Em entrevista, relatou o construtor que a motivação para construir em pedra e barro, mesmo sendo as edificações circunvizinhas em taipa de mão e tijolo cozido, foi que ‘[...] o barro não era adequado por ter muita areia’ (BARBOSA, 2019). Ademais, o terreno escolhido para a construção é permeado de uma rocha sedimentar denominada arenito (Figura 4) o qual atinge mais de 2,40 m de comprimento, se tornando o principal material construtivo utilizado.

³ Morador do povoado vizinho ao Oitis e contemporâneo do construtor da Casa de Pedra

Figura 04: Casa da Gameleira e no terreiro pedras matérias primas da construção



Fonte: Acervo do Autor, 2019.

Conforme o proprietário da casa, o Sr. José Conceição, até o ano de 2016, a alvenaria de pedra era aparente, mas a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) solicitou que todas as paredes fossem rebocadas por causa da infestação do inseto barbeiro (*Triatoma infestans*) nas reentrâncias da alvenaria o qual provoca a doença de chagas.

8 O SABER FAZER DA TÉCNICA CONSTRUTIVA DE PEDRA E BARRO

Por causa da similaridade entre as técnicas das duas moradias, depreende-se que o modo de fazer descrito por José Conceição na *Casa da Gameleira* pode ser associado ao modo de fazer da *Casa de Pedra*. Entretanto, nota-se as diferentes fontes de extração, pois a matéria prima desta foi retirada da encosta dos morros e daquela, do local onde se constituiu.

O tipo de rocha era o arenito, rocha “branda”, mais fácil de trabalhar, muito abundante na região nordeste (PÔRTO, 2003 apud BRAGA, 2003, p.72). Júlio Curtis, notando a beleza dessa pedra na arquitetura rural, fizera uma descrição do impacto visual na paisagem da caatinga nordestina

Em um cenário de rara e agreste beleza - onde estratos sedimentares de arenito assumem espessuras inusitadas, em que os vermelho-escuros das rochas, ao se transformarem em tons diversos de marrons, fazem, por contraste vibrar luminosas as escassas manchas de verde - tanto a topografia quanto a geologia se recusaram a receber qualquer tipo de instalação mais ordenada (CURTIS, 2003, p.140).

De acordo com Barbosa (2019) o processo consistia, em linhas gerais, em desenterrar a pedra, partir em duas grandes partes com ajuda de uma marreta ou alavanca. Usando a “cunha” dividir as partes em blocos menores e fazer o arremate das faces, com o propósito de ficarem mais planas possíveis.

Paralelamente a isso, em um trabalho mais simples, era preparada a argamassa com barro e água, sem cal porque não era costume daquele povo utilizá-la, além de ser economicamente inviável.

Por se tratar de paredes espessas e estrutura autoportante, as fundações não eram muito profundas. Uma vez que o alicerce, também em pedra, estava construído sob o solo, o trabalho de cantaria executado e a argamassa de barro sendo preparada, as paredes eram erguidas.

A estratégia, segundo José Conceição, era assentar as pedras com as faces mais planas na superfície externa da parede e caso internamente sobrasse algum espaço considerável entre uma pedra e outra, era preenchido com uma pedra menor assentada com barro.

Assim, ao atingir a altura desejada do pé direito mínimo, elevavam as fachadas laterais em um formato triangular, sendo a parte mais elevada a interseção das duas quedas d’água denominada cumeeira. Então, prosseguia com a etapa da cobertura, último processo para finalizar a construção.

9 RESULTADOS

Os resultados esperados da pesquisa eram diversos, dentre eles o de associar a *Casa de Pedra* à outra edificação, pertencente ao recorte espacial estudado, com o mesmo sistema construtivo. A partir disso, fazer uma comparação visual entre as duas, caso a estrutura tivesse aparente e até cogitar numa relação entre os dois construtores. Entretanto, a única edificação que se assemelha ao estudo de caso está completamente rebocada, por motivos de salubridade, e não foram encontrados registros da mesma na sua configuração original. Assim, a correlação imediata entre o aspecto visual das duas moradias ficou impossibilitado, apesar de possuírem o mesmo estilo de “porta e janela”.

Além disso, embora as datas de construção das casas sejam relativamente próximas, 1946 e 1969, conforme relatos de José Conceição, os dois construtores não se conheceram, muito menos trocaram conhecimento técnico-construtivo.

Como a associação entre as duas moradias ficou comprometida, indícios foram buscados para confirmar a semelhança técnica entre as duas. A maior prova que aponta para a

semelhança entre as pedras e a aparelhagem das duas edificações é a parte superior das paredes internas da *Casa da Gameleira* que não recebeu reboco e são visíveis.

Outro resultado esperado era o de encontrar onde e com quem os construtores aprenderam a executar a técnica construtiva, se foi em alguma localidade de Picos, em Oeiras ou outra cidade, porém não foi possível certificar-se dessa origem. O que se sabe pelos familiares é que Manoel Ezequiel, construtor da *Casa de Pedra* tinha o ofício de pedreiro e quem influenciou José Conceição na execução do empreendimento, propagando o “saber fazer” foi um amigo pedreiro.

Em meio a todos os desdobramentos que existiram, principalmente nas visitas de campo, maioria dos pontos investigados foram atendidos e o objetivo da pesquisa foi cumprido.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da técnica – a alvenaria de pedra argamassada – em uma região onde comumente se constrói fazendo uso da taipa de mão e tijolo cozido, se deu devido à inferência de que o construtor da *Casa de Pedra* buscou durabilidade à construção e valor estético, já que possuía o conhecimento de execução do sistema.

Já na *Casa da Gameleira*, foi a constatação pelo proprietário de que a argila da região não era adequada para a técnica da taipa. Entende-se que o construtor tinha conhecimento das duas técnicas: a pedra argamassada e a taipa de mão e fez opção pela mais laboriosa, mesmo considerando as dificuldades de extração e o trabalho da cantaria, por entender ser a mais adequada. Ainda contou com o material, a pedra, ser facilmente encontrado no sítio.

Entretanto, como toda pesquisa existem os fatores limitantes, os deste estudo são de caráter espacial. Em outra exploração pode-se abranger uma área maior de busca por edificações de pedra e barro. Ademais, é interessante averiguar mais a vida dos construtores a fim de saber onde exatamente eles aprenderam a trabalhar com a técnica.

O que se presume é que essas técnicas conhecidas desde a época colonial continuam sendo utilizadas por comunidades rurais, que as transmitem continuamente pela forma do *saber fazer*, propagado nos próprios canteiros de obra pelos construtores a seus filhos, amigos, netos, compadres. É a cultura que não morre e continua a se propagar na simplicidade e beleza da arquitetura popular brasileira.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à minha família que fornece todo o aparato para o desenvolvimento das minhas pesquisas, de modo especial ao primo Valter Borges que sempre me conduz pela região de Picos e faz todos os contatos para proporcionar as melhores fontes para o trabalho; à professora Betânia Guerra que orientou pacientemente cada temática e às demais que me apoiaram; à Universidade Federal do Piauí pelo financiamento parcial da viagem à Belo Horizonte; ao IPHAN pelo acervo riquíssimo em patrimônio material e imaterial; à comissão organizadora do II Seminário de Arquitetura Vernácula pela oportunidade de discutir um tema que tanto aprecio; por fim, ao principal que é Deus, Aquele que é tudo em mim.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Robério Bôto de; GOMES, José Roberto de Carvalho (Org.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea do estado do Piauí: diagnóstico do município de Picos**. Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.

ANDRADE, Francisco de Carvalho Dias de. A história da arquitetura como morfologia da nação brasileira. *In*: ANDRADE, Francisco de Carvalho Dias de. **Uma poética da Técnica: A produção da arquitetura vernacular no Brasil**. Orientador: Professor Dr. Marcos Tognon. 2012. Tese (Doutor em História da Arte) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2016. f. 364. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/320977>. Acesso em: 29 set. 2019

ARAÚJO, Raimunda Barbosa de. **Entrevista** concedida à Janielle Borges Brandão, em dezembro de 2018.

BARBOSA, José Conceição. **Entrevista** concedida à Janielle Borges Brandão, em dezembro de 2018.

BARRETO, Paulo Thedim. **O Piauí e sua Arquitetura**. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Vol. 2. Rio de Janeiro, 1938.

BORGES, Francisco Valdivino. **Entrevista** concedida à Janielle Borges Brandão, em outubro de 2019.

BRAGA, Márcia. **Conservação e restauro: arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2003.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

CASTRIOTA, Leonardo (org.). **Mestres Artífices de Minas Gerais: Cadernos de memória**. Brasília-DF: IPHAN, 2012. 160 p.

FERREIRA, Murilo (coord.). **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII: Conjunto Histórico e Paisagístico de Oeiras: dossiê de tombamento**. Teresina: IPHAN, 2010. 137 p.

CURTIS, Júlio Nicolau Barros de. **Vivência com a arquitetura tradicional do Brasil: registros de uma experiência técnica e didática**. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2003.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. *E-book*.

LEMOS, Carlos A. C. **A casa brasileira**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 1989.

LEMOS, Carlos A. C. Moradia popular no trópico. *In*: LEMOS, Carlos A. C. **Da taipa ao concreto: crônicas e ensaios sobre a memória da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2013. p. 243 - 246.

MELO, Arnaldo; RIBEIRO, Maria. **História da construção: os materiais**. Braga: CITCEM, 2012.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.

Brazilian Journal of Development

NUNES, Odilon. **Estudos de História do Piauí**. Teresina: academia piauiense de Letras, 2014.

VARÃO, Maria Goreth de Sousa (Org.). **Picos: histórias que as famílias contam**. Teresina: EDUFPI, 2007. 76 p.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. 2^a edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.